



O impacto das atividades extracurriculares no desenvolvimento estudantil

The impact of extracurricular activities on student development

El impacto de las actividades extracurriculares en el desarrollo del estudiante

Adelmo dos Santos Filho¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Pablo Mateus dos Santos Jacinto²

Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge)

RESUMO

A universidade é um modelo institucional que promove diversas experiências aos/às estudantes, entre elas, as atividades extracurriculares, que são responsáveis por cerca de 70% (setenta por cento) da formação. Este estudo se dispôs a identificar os principais interesses e percepções de estudantes de graduação pelas experiências extracurriculares, analisando a importância dessas atividades em seu desenvolvimento. Para a sua realização, oito estudantes dos cursos de Psicologia e Pedagogia foram entrevistadas, seguindo uma abordagem de natureza qualitativa. Com isso, foi possível construir novas percepções acerca dos interesses estudantis nas atividades extracurriculares, como estão atreladas à aprendizagem de novos conteúdos e, à facilidade em compreendê-los. Outros fatores também estão relacionados, como a interação entre os pares, o desenvolvimento do senso crítico e, a formação pessoal e profissional, sendo essas atividades consideradas relevantes para a formação estudantil.

Palavras-chave: Atividades extracurriculares; Cultura universitária; Educação superior.

ABSTRACT

The university is an institutional model that promotes diverse experiences for students, among them, the extracurricular activities, which are responsible for about 70% (seventy percent) of formation. This study was prepared to raise the main interests and perceptions of undergraduate students by extracurricular experiences, analysing the importance of these activities in their development. For that realization, eight students from the Psychology and Pedagogy courses were interviewed, following a qualitative approach. With that, it was possible to build new perceptions about student interests in extracurricular activities, how they are associated to the learning of new content and an ease in understanding them. Other factors are also related, like the interaction between peers, the development of critical thinking and personal and professional formation, these activities being relevant to the formation of students.

Keywords: Extracurricular activities; University culture; Higher education.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Especialista em Psicanálise pela Faculdade UniBF (UNIBF), com formação complementar pela University of Arizona (UA) em “Raça, Racismo e Antirracismo no Brasil” e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no campo das Relações Raciais. É membro da Frente Parlamentar em Defesa da Saúde do Município de Salvador (Câmara Municipal), trabalhando com saúde da População Negra e LGBTQIA+. <https://orcid.org/0000-0002-5047-7531>. E-mail: contatoadelmofilho@gmail.com.

² Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre e Doutorando em Psicologia (UFBA). Docente junto ao Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Assessor técnico de pesquisa em Psicologia e Políticas Públicas no Conselho Regional de Psicologia da Bahia (CRP-03). <https://orcid.org/0000-0002-4894-5893>. E-mail: pablojacintopsi@gmail.com.

RESUMEN

La universidad es un modelo institucional que promueve diversas experiencias para los/las estudiantes, incluidas las actividades extracurriculares, que son responsables de alrededor del 70% (setenta por ciento) de la formación. Este estudio fue elaborado para plantear los principales intereses y percepciones de los/las estudiantes de pregrado por las experiencias extracurriculares, analizando la importancia de estas actividades en su desarrollo. Para su realización se entrevistó a ocho estudiantes de los cursos de Psicología y Pedagogía, siguiendo un enfoque cualitativo. Con eso, fue posible construir nuevas percepciones sobre los intereses de los estudiantes en las actividades extracurriculares, cómo se vinculan con el aprendizaje de nuevos contenidos y la facilidad para comprenderlos. También se relacionan otros factores, como la interacción entre pares, el desarrollo del pensamiento crítico y la formación personal y profesional, siendo estas actividades relevantes para la formación de los estudiantes.

Palabras claves: Actividades extracurriculares; Cultura universitaria; Educación universitaria.

Introdução

A universidade é um dos modelos institucionais mais duradouros da história e, desde o início da sua criação, vem passando por transformações que correspondem às necessidades da sociedade contemporânea. É descrita como um espaço de investigação, mão de obra qualificada, educação, treinamento especializado, mobilidade social, prestação de serviços para a comunidade local, bem como aplicação de políticas nacionais voltadas às minorias sociais. Outras funções também são atribuídas às Instituições de Ensino Superior (IES), como a aprendizagem, socialização, desenvolvimento cognitivo e afetivo dos/as estudantes (SANTOS et al., 2011; ÉSTHER, 2016).

Inúmeras transformações ocorrem na vida do/a estudante que vivencia a cultura universitária, principalmente aos/as que estão em processo de transição do ensino médio para o ensino superior. A partir disso, o/a estudante passa por fases de desenvolvimento em suas dimensões culturais, educacionais, artísticas, científicas, profissionais, pessoais, afetivas, relacionais, sexuais e amorosas (TEIXEIRA et al., 2008; LEITE; SAMPAIO, 2016). Além disso, destaca-se a formação crítica e política que exprime em seu interior opiniões, atitudes e projetos e refletem o funcionamento e as contradições da sociedade contemporânea (CHAUÍ, 2003).

Algumas características são atribuídas pelos/as estudantes para definir de forma positiva o seu ponto de vista sobre universidade, sendo, segundo Leite e Sampaio (2016), um ambiente marcante, importante e único que perpassa o crescimento, desenvolvimento,



maturidade e construção de novas visões de mundo. Entretanto, existem processos que podem ter atribuições negativas, como o acúmulo de materiais solicitados pelos/as professores/as, cobranças institucionais para que possam se adaptar à cultura universitária, envolvendo a forma de pensar, expressar e escrever, e também as formas de acesso e permanência, que podem ser entraves aos grupos minoritários, em especial aqueles que são marcados pelas categorias de raça, etnia e classe não hegemônicas.

Nessa trajetória, todos/as os/as estudantes que ingressam nas IES passam por um processo de afiliação ao espaço e a sua cultura. O/A aluno/a sai do ensino médio e aprende a se tornar estudante universitário (COULON, 2017). Nesse contexto, acredita-se que as atividades extracurriculares são umas das possibilidades de auxiliar no processo de permanência e afiliação à cultura universitária que, de acordo com Kuh (1997), são responsáveis por 70% (setenta por cento) da formação dos/as estudantes. Essas atividades são experiências que compõem a trajetória acadêmica e a literatura as define como complementares, eletivas, extramuros, extracurriculares e não obrigatórias (FIOR; MERCURI, 2009). Elas são compostas por um amplo repertório de atividades, não apenas as percebidas como “formais”, a exemplo dos eventos, estágios ou atividades de pesquisa, ensino e extensão. Conforme aponta Larosa (2010), essas atividades contemplam também as interações nas escadas, pátios, cantina, restaurante universitário, corredores, biblioteca, ou qualquer outro espaço de convivência que também faça parte da construção de uma experiência universitária.

Comumente, as atividades extracurriculares podem ser compreendidas como aquelas que não apresentam um caráter obrigatório, ou seja, não constam como disciplinas para conclusão do curso de graduação, como é apresentado em um currículo formal, mas fazem parte do processo formativo. Elas geralmente são percebidas como um currículo paralelo ou suplementar, pois são realizadas à medida que o/a estudante vivencia as atividades obrigatórias, ao mesmo tempo em que expande o seu repertório intelectual, como um complemento para as discussões apresentadas no currículo formal.

Pensando em currículo, Geraldini (1994, p. 117) relata que ele “é entendido e trabalhado como o conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola, dentro ou fora da aula e da escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória

escolar”. Por isso, Fior e Mercuri (2009) falam sobre a necessidade de as universidades apresentarem um conjunto de propostas com conteúdos diversificados, compondo diferentes projetos político-pedagógicos para promover crescimento acadêmico nas áreas profissionais e culturais dos/as estudantes, ampliando o entendimento sobre currículo e não o restringindo apenas ao formal.

As pesquisas sobre o contexto universitário e as suas repercussões, segundo Peres et al. (2007), tiveram maior desdobramento na década de 1980. Ganharam destaque, paulatinamente, as atividades não obrigatórias e o seu impacto no desenvolvimento psicossocial e cognitivo do/a estudante.

A partir desse momento, é possível ter uma maior compreensão sobre a relevância das atividades extracurriculares no processo formativo, assim como a importância do cumprimento das atividades obrigatórias, pois executam um papel fundamental na formação do/a estudante. As atividades obrigatórias geralmente ocorrem em um local definido, em geral, na sala de aula, onde é preciso assistir aulas e frequentar disciplinas. Mesmo que o processo educacional e a ideia de currículo tenham passado por transformações e evoluções, as práticas obrigatórias continuam sendo necessárias, pois possibilitam o primeiro contato do estudante com o corpo docente (FIOR, 2003), além de garantirem conhecimentos específicos sobre determinado campo de atuação ou área do saber pré-planejados nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em observância às diretrizes curriculares vigentes.

Mesmo a universidade oferecendo um currículo diversificado com atividades extracurriculares, é preciso atentar-se ao rigor e compromisso do currículo formal. Um equilíbrio entre o que ocorre dentro e fora da sala de aula é necessário, pois os conhecimentos específicos do currículo formal são requisitos para conclusão do curso de graduação.

Contudo, um fator que pode comprometer o interesse pelas atividades extracurriculares é a disponibilidade do/a discente. Pachane (2004) explica que mesmo a universidade oferecendo diversas atividades culturais e sociais, nem sempre há tempo disponível para a participação nesses eventos, principalmente pela alta carga de estudos que é posta ao/a estudante. Por esta razão, torna-se necessária a compreensão das instituições, por parte de docentes e gestores, acerca do valor que essas atividades possuem no



desenvolvimento pessoal do/a estudante, estando além da capacitação técnica para o mercado de trabalho, mas voltadas a uma formação cidadã.

O conjunto de vivências no ambiente das IES possui grande relevância, principalmente pelas percepções positivas, promovendo e facilitando a adaptação e integração do/a estudante a este contexto. Desse modo, “as atividades extracurriculares afetam a qualidade das vivências acadêmicas e estas a qualidade da adaptação ao campus e o rendimento acadêmico” (FIOR; MERCURI, 2004, p. 146). Por isso, torna-se necessária a participação da universidade na construção de experiências acadêmicas livres para a formação dos/as seus/as discentes.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar os principais interesses e percepções de estudantes de graduação pelas experiências extracurriculares, analisando a importância dessas atividades em seu desenvolvimento educacional.

1. Metodologia

Este estudo foi construído de forma qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, sem a intenção de enumerar ou medir os eventos estudados, mas compreender a realidade social e o significado do fenômeno em seu contexto (TURATO, 2005; OLIVEIRA; LEITE FILHO; RODRIGUES, 2007). Os dados foram produzidos através de entrevistas individuais, com aplicação de um roteiro semiestruturado, tendo como princípio a adequação à realidade das participantes.

Para o processo de produção de dados, oito estudantes com identidade de gênero cis-feminina, dos cursos de Psicologia e Pedagogia, participaram de forma voluntária, se apresentando a partir da divulgação do projeto. Alguns critérios foram necessários para a seleção das participantes, entre eles, ser estudante do Departamento de Educação do Campus I (DEDC-I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e estar cursando a partir do quarto semestre de graduação. Com isso, buscou-se colaboradores/as que já tivessem passado ou se aproximado do processo de afiliação universitária (COULON, 2017).

A análise do conteúdo foi realizada pela perspectiva de Bardin (2009), tendo como foco o discurso, sendo trabalhado a partir da categorização por palavras. O processo de

análise seguiu algumas etapas, entre elas, uma leitura exaustiva, organização e análise dos dados, categorização e interpretação.

As entrevistas foram registradas a partir da gravação de áudio, tendo a aprovação de todas as estudantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo as Resoluções nº 466/12 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, as quais englobam os Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos.

2. Resultados e Discussão

Através dos dados, foram organizadas duas principais categorias de análise. A primeira (1) Interesses, fala sobre o tipo de atividade extracurricular e a motivação do/a estudante para sua participação. Em (2) Percepção, pôde-se identificar a aprendizagem, facilitação acadêmica, interação entre os pares, criticidade, formação pessoal e formação profissional. De modo geral, foi possível analisar como as estudantes dão sentido a essas experiências.

3. Interesses

As atividades extracurriculares são variadas, despertando diversas formas de Interesses, que inicialmente podem ser divididos de duas formas: (1) qual o tipo de atividade que costumam participar; (2) o que as motiva.

Tipo: Algumas experiências foram levantadas pelas estudantes, sendo possível destacar a participação em palestras, cine debates, encontros e congressos, grupos de discussão e seminários. Também se interessaram por grupos de estudos, ida à biblioteca, conversas com colegas, iniciação científica, bolsas de extensão e de pesquisa, centros acadêmicos e estúdios.

Geralmente eu frequento palestras do meu interesse dentro da Universidade, ou em outros locais que tenham alguma coisa que eu me interesse. Eu vou a cursos de extensão de outros departamentos, eu vou a eventos, é... Com o apoio da



Universidade, e, além disso, eu sou estagiária de um grupo da Universidade [Estudante 1].

É possível identificar atividades extracurriculares que são experienciadas dentro do ambiente formal da universidade e, a importância do apoio institucional para facilitar a sua participação, “Eu já fui monitoria de fora. Já fiz... Já participei do Congresso Nacional de Negros, já fui monitora de sala de aula, já participei com projetos em... em... de pesquisas em bairros, atuando” [Estudante 8]. Nestes relatos, as estudantes destacam atividades que participaram que frequentemente são percebidas como “formais”, sendo associadas à produtividade acadêmica, notas ou horas complementares. São menos mencionadas as idas ao restaurante universitário, conversas informais, atividades esportivas e outras não associadas à produtividade, que fazem parte do repertório das atividades não obrigatórias.

Motivação: É um processo que se constrói de forma pessoal, de acordo com as crenças a respeito da situação ou a sua importância (LOURENÇO; PAIVA, 2010), logo, a participação das estudantes se dá de diferentes formas, dando relevância ao seu repertório cultural, pessoal e profissional.

A Estudante 1 fala sobre a sua motivação em participar das atividades não obrigatórias e como elas ampliam o seu repertório pessoal e cultural.

Porque eu acredito que as experiências obrigatórias, na realidade, elas são muito reduzidas, até porque a gente tá fazendo um curso CPL, então ele é o que... Curso de Progressão Linear, você vai estudar psicologia, você não vai sair muito dessa linha epistemológica, então eu acredito que a gente tenha que expandir porque a gente não pode ser apenas, é... É... Um produto do curso, a gente tem várias outras possibilidades e a gente tem que abarcá-las [Estudante 1].

Através desta fala, a estudante apresenta questionamentos sobre a ideia de currículo, atentando-se não apenas para o que o curso de graduação exige e oferece. Em sua concepção, o processo formativo está para além dos muros da universidade, logo, garantir acesso ao maior número de atividades que contribuam para a formação do seu repertório é a sua principal motivação.

Uma visão diferente é apresentada pela Estudante 2. Ela relata que sua motivação está voltada para o mercado de trabalho, por serem experiências que enriquecem a trajetória profissional: “Porque eu tenho consciência de que as experiências que ocorrem fora da sala,

elas são muito enriquecedoras para o nosso currículo”. Também são vistas como um diferencial e fuga do que é apresentado como básico:

Porque eu acredito que é importante você sair um pouco do que é apresentado como básico, você não pode ficar só no que todo mundo vai sair sabendo da faculdade, você tem que ter um diferencial pro mercado [Estudante 5].

Outras motivações também são citadas pelas estudantes, como a obtenção de certificados para cumprir a carga horária do curso de graduação “a gente fica desesperada por causa das horas complementares que nós temos que fazer” [Estudante 6].

O tipo de atividade extracurricular e a sua motivação se manifesta de acordo com os interesses de cada estudante e a forma como atribuem significados a atividades específicas, se relacionando às suas trajetórias pessoais, e não apenas ao ambiente universitário. Recentemente, nas IES, têm adentrado cada vez mais estudantes negros/as e de classes socioeconomicamente mais baixas, refletindo a diversidade neste ambiente (GARRIDO, 2012), mesmo que a curtos passos. Com isto, é possível perceber as diferentes formas de acesso e permanência, logo, estudantes que possuem níveis socioeconômicos mais baixos podem sentir-se motivados/as a participar de atividades que possuam algum tipo de remuneração financeira, como estágio, iniciação científica ou outras atividades de ensino e extensão.

Em estudos com estudantes universitários de fisioterapia, 90,2% informou motivarem-se a participar de estágios extracurriculares pela experiência adquirida e apenas 6,6% o faziam pela remuneração (VIANA et al., 2012). Já em estudo com estudantes de contabilidade realizado por Reina et al. (2011), nenhum participante especificou a questão financeira como principal motivação para prática de estágio. O estudo, entretanto, revela que os estudantes entrevistados que conhecem a legislação voltada a estágios no Brasil discordam dela por não contemplar uma remuneração adequada. Nenhum desses estudos, entretanto, levou em consideração os demarcadores socioeconômico e racial dos estudantes que responderam tal questionamento.

Em suma, as estudantes entrevistadas avaliaram que a universidade é preparada para formar um/a estudante capacitado/a para a atuação em sua área profissional, e as atividades



extracurriculares são vistas como alternativas para expandir o repertório cultural, pessoal e um diferencial para o mercado de trabalho.

4. Percepção

Assim como a motivação, a percepção é um processo pessoal e individual, envolvendo a trajetória desenvolvimental de cada sujeito, sua inserção na cultura e interações travadas (RIES, 2004). Buscou-se, neste tópico, avaliar como as estudantes percebiam as atividades extracurriculares para, com isso, identificar sua compreensão sobre o impacto dessas atividades em seu percurso formativo. Nesse ponto, Fior e Mercuri (2009) ressaltam a importância dessas experiências para o crescimento profissional e cultural dos/as estudantes, se assemelhando a alguns dos resultados levantados por esta investigação, sendo eles: aprendizagem; facilitação acadêmica; interação entre os pares; criticidade; formação pessoal e; formação profissional.

Aprendizagem: Refere-se ao desenvolvimento intelectual, sendo as atividades extracurriculares associadas à oportunidade de aprender novos conteúdos ou se especializar nos que são oferecidos em sala de aula, já que essas se apresentam como um diferencial.

Você ter um diferencial e sair um pouco da visão desses professores sabe? São outras pessoas, outros conteúdos e isso pode abrir mais a sua mente, trazer coisas novas que aqui você não viu, então você pode procurar por fora também, algumas coisas que não apresentam na nossa grade mesmo... [Estudante 5].

Além da aprendizagem de conteúdo, a Estudante 2 destaca as alternativas e flexibilidades que são oferecidas pelas atividades não obrigatórias, diversificando a forma de aprender.

Acrescenta muito, porque a gente não deve só se limitar ao que é dado em sala de aula. O ser humano, ele tem que ter uma visão de expansão, e alguns eventos que ocorrem fora da UNEB, que não são assim... que não é de obrigatoriedade, dão uma visão muitas vezes até maior do que ocorre dentro da sala, por o ambiente às vezes até não ser aquele ambiente mecânico de sala de aula [Estudante 2].

Facilitação acadêmica: Nesse aspecto, as atividades extracurriculares estão relacionadas com a forma de facilitar a compreensão dos conteúdos abordados dentro da sala de aula, desenvolvendo novas ideias e reflexões.

[...] Eu tô fazendo um curso de extensão sobre manifesto comunista, manifesto comunista de Marx, então de alguma forma é algo do meu interesse e que a gente não vai ver no curso (...) são formas de você expandir o que você pensa, por exemplo, existem vertentes da psicologia que usam essa questão comunista, essa visão materialista pra tratar. Então a partir do momento que você tem uma base desse curso de extensão, por exemplo, e você vê isso na universidade, você vê a psicologia de outra forma (...) você já vai saber *links* diferentes, então interfere de modo a eu entender muito melhor também o meu curso e sobretudo expandir para além do meu curso [...] [Estudante 1].

As experiências extracurriculares, além de ampliarem o repertório do/a estudante universitário/a com novas aprendizagens, promovem reflexões que são levadas para dentro da sala de aula, auxiliando não apenas na compreensão individual do conteúdo, mas coletiva, através das discussões que podem ser construídas no espaço.

Interação entre os pares: O processo educacional é constante, sempre envolve “levar de um lugar para outro” (NOVASKI, 2008, p. 11), e entender a interação entre os pares, é identificar os impactos da relação estudante-estudante em seus processos formativos. Essa subcategoria se refere à percepção das estudantes das atividades extracurriculares como espaço de diálogo e interação com pares em situação semelhante.

A exemplo, a Estudante 3 fala sobre a interação entre os pares como forma de contato, influenciando em suas relações e responsabilidades sociais durante um evento construído pelo Movimento Estudantil.

É uma experiência muito forte e é uma experiência de contato! Mas primeiro começa quando você chega lá e vê um evento como aquele gerido por estudantes, e todo mundo faz tudo, então se eu vejo um saco de lixo cheio no banheiro, eu não vou sair procurando outra pessoa... O saco de lixo é a minha responsabilidade, então eu que tinha que ir atrás pra saber onde tinha saco de lixo pra colocar... Como é que um monte de gente que nunca conversou, que tá ali junto, naquele momento, vai fazer uma coisa que ninguém tá controlando [Estudante 3].



Já a Estudante 2 se refere às trocas com outros estudantes como forma de facilitar a compreensão de conteúdos ensinados dentro da sala de aula.

[...] tem pessoas que têm diferentes formas de aprendizado, não é só aquilo que a escola traz que o professor traz para a sala de aula que o aluno aprende. Colegas, às vezes, têm o poder, a sensibilidade de trazer informações que muitas vezes é maior da que o professor traz, porque eles têm a maneira de chegar. É muito rico esse aprendizado, porque não é só aquela coisa assim [...]. Ele não está no patamar de professor, mas ele já traz uma metodologia que abarca a nossa necessidade, que muitas vezes o ganho de aprendizado é até melhor do que a gente aprende na sala de aula com o professor [Estudante 2].

Referindo-se à interação entre os pares, a “troca” e o “contato” são os termos mais utilizados para descrever a experiência. A relação estudante-estudante se apresenta de forma positiva no processo de aprendizagem, já que ambos/as percebem-se em posições educacionais semelhantes, minimizando a sensação de distanciamento que há entre estudante-professor/a.

Criticidade: De acordo com essa percepção, através da participação em atividades extracurriculares os/as estudantes podem identificar o despertar de um senso crítico, possibilitando novos questionamentos à realidade política e social que vivenciam.

A Estudante 4 fala sobre as experiências provocarem diversas mudanças em si, atentando-se ao “pensamento, principalmente na questão política, você muda, muda a cabeça... Na realidade você começa a ver o mundo por outras janelas”.

[...] em relação ao desenvolvimento né. Você tá se construindo enquanto cidadão, enquanto pessoa que quer compreender a complexidade que é o mundo. Não é uma coisa muito específica, é uma coisa bem geral mesmo, e como eu participo de atividades várias, isso muda na minha forma de compreender as coisas, entendeu? [Estudante 1].

O ambiente educacional é um dos principais espaços formativos para os/as estudantes que dele participa, tendo como um dos seus objetivos trazer novas significações para o processo ensino-aprendizagem, criando pessoas com capacidade de pensar e compreender a realidade social de forma crítica (MARTINS, 1997) e, segundo os relatos, as atividades não obrigatórias, auxiliam não apenas no processo de aprendizagem e interação, mas também na formação dos sujeitos.

Formação pessoal: Está relacionada à percepção das atividades extracurriculares como impactantes no processo de formação identitária dos/as estudantes, apresentando novas perspectivas culturais e formas de compreender a sociedade.

A Estudante 6 fala como essas atividades influenciam em seu desenvolvimento, “[...] me melhoram como ser humano, acredito. A cada dia, a cada palestra. Ouvir outras pessoas, novos depoimentos, tudo isso influencia na minha vida, me melhorando”. Também foi possível reavaliar posicionamentos e perspectivas pessoais.

Eu acho que sobretudo eu me tornei uma pessoa muito mais humilde, porque eu entrei aqui mais ignorante e achando que eu sabia mais do que agora (risos). Hoje eu acho que não sei nada, penso de fato, e são muitos desafios em mente pra poder superar, mas com consciência de que tive muitas vitórias e eu saio mais confiante também, mais disposta ao diálogo com as pessoas, não permitir violências, me tornei uma pessoa melhor. Então eu acho que todas essas experiências, serviram pra isso, o impacto, fora o conhecimento, óbvio. [...] E é isso: confiança e poder pessoal, as relações pessoais e humildade [Estudante 7].

E também é apontada a construção de novas perspectivas sociais, sobretudo, raciais.

Eu cresci muito, eu não aceitava muito bem certas coisas. Ah, poxa um cara tem um black e eu tenho que achar bonito, quando eu entrei na universidade eu era cristã cristã cristã, sabe? daquelas que não queria ver o outro lado, li textos, reli, discuti, tive contato com pessoas do candomblé, de outras religiões, interagi, principalmente quando tive contato com o texto que me marcou muito “Cabelo ruim não, cabelo legal é o seu”. Aí eu digo poxa... Eu sempre quis fazer um negócio no cabelo, deixar meu cabelo enroladinho, mas para deixar meu cabelo enroladinho foi uma confusão. O fato é se aceitar como é, de ver outras questões: políticas, educacionais, institucionais, me fez crescer muito como pessoa, e como pedagoga [Estudante 4].

A Formação Pessoal é descrita pelas entrevistadas, como “me tornar uma pessoa melhor” ou “ser mais humana”, atribuindo a essas atividades novas formas de vivenciar as relações pessoais e visão de mundo. Falam sobre se tornarem pessoas mais humildes, resistentes, confiantes e mencionam o “empoderamento”, que pode ser descrito como poder pessoal. Conforme Pachane (2004) o convívio com pessoas de culturas, hábitos e valores diferentes, que são possibilitados pela vivência universitária, podem proporcionar ao/a estudante novas formas de pensar, agir e até de viver. Com isso, é possível dar destaque ao relato da Estudante 4, o qual fala sobre a sua forma de agir e pensar a sociedade,



principalmente as perspectivas raciais, atribuídas ao cabelo negro e as religiões de matriz africana.

Formação profissional: Este último aspecto corresponde à percepção das atividades curriculares como proporcionadoras de conhecimentos gerais e específicos relacionados à área de atuação profissional e preparação para o mercado de trabalho. As estudantes ressaltam o conhecimento adquirido fora da sala de aula ao terem acesso com profissionais especializados. Além disso, mencionam preparação para uma postura profissional, que segundo Fontanella (2011), envolve inteligência emocional e social.

Porque era a maneira mais fácil de ter contato com conhecimento, com profissionais da área, com profissionais que vinham de fora, e teria acesso mais fácil para conversar, trocar ideias e até pegar artigo de pesquisa, que às vezes a gente só tem acesso na internet, mas pra pessoa ler, aí fica mais fácil tirar a dúvida e perguntar [Estudante 8].

A academia não te prepara para se apresentar, tem que ter uma postura, um tom de voz, existe uma organização. Dizem faça e você tem que fazer. Como profissional de educação me ajudou nesse quesito e em outros mais, principalmente o conhecimento, né? [Estudante 4].

Estudos anteriores (KUH, 1997; FIOR, 2003; LEITE; SAMPAIO, 2016) ressaltam habilidades adquiridas em atividades não obrigatórias, também sendo apresentadas neste estudo, como: a aquisição de conhecimento, habilidades acadêmicas, mudanças psicossociais, amadurecimento social, libertação de preconceitos tradicionais, contato entre os pares e desenvolvimento de competências e habilidades previstas mesmo nos currículos formais. Conforme Silva e Teixeira (2013) esses estudos apontam que as atividades extracurriculares são importantes para a passagem de estudante a uma vida profissional, apresentando indicadores positivos de desenvolvimento de carreira.

Considerações finais

Através deste estudo, foi possível confirmar e construir novas percepções acerca dos interesses estudantis nas atividades extracurriculares e o seu impacto na formação, sendo estas atreladas à aprendizagem de novos conteúdos e à facilidade em compreendê-los. Outros

fatores importantes são a interação entre os pares, o desenvolvimento do senso crítico, a formação pessoal e profissional.

Reconhecendo a importância das experiências não obrigatórias e suas repercussões, este estudo pode provocar reflexões entre os/as estudantes de graduação, para que possam disponibilizar parte do seu tempo em participação de cursos, congressos, estágios, ligas acadêmicas, espaços de discussão, diálogos entre os pares entre outras experiências. Pode também incitar universidades a articularem os conteúdos extracurriculares aos curriculares, em prol de maior desenvolvimento dos estudantes.

Pontua-se que as atividades extracurriculares podem ser utilizadas como forma de ação afirmativa de mudança socioeconômica, tendo em vista que as estudantes destacam a sua importância nas experiências de contato com profissionais especializados, além de funcionarem como diferencial para o mercado de trabalho. Pensando no acesso das minorias raciais, étnicas e socioeconômicas aos espaços de nível superior, existe a possibilidade desses grupos não possuírem suporte financeiro suficiente para investir em formações e especializações que demandam custos financeiro e, com isso, estarem privados de maior preparação acadêmica, profissional e possibilidade de contabilizar maiores pontuações em processos seletivos. Por esse motivo, ao investir em atividades extracurriculares, a universidade pública favorece a equidade em oportunidades aos discentes.

Ademais, é importante que os/as estudantes e as instituições possam investir em atividades de natureza extracurricular, tendo em vista sua motivação no cumprimento de atividades obrigatórias e também no sucesso escolar, auxiliando nos processos de permanência e afiliação estudantil.

Esta pesquisa apresenta limitações como: número reduzido de participantes entrevistadas, pouca abrangência de áreas de graduação e pouca ênfase na investigação das relações socioeconômicas e étnico-raciais nos discursos acessados. Sugere-se novos estudos, alinhados a novas abordagens metodológicas, de modo a investigar melhor as reverberações das atividades extracurriculares na formação universitária.



Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 2009.
- CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Rev. Bras. Educ.**, n. 24, p. 5-15, dez. 2003.
- COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educ. Pesqui.**, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out/dez. 2017.
- ÉSTHER, A. B. Qual universidade para qual sociedade? **HOLOS**, v. 7. set. 2016.
- FIOR, C. A. **Contribuições das atividades não obrigatórias na formação do universitário**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- FIOR, C. A.; MERCURI, E. Formação universitária: o impacto das atividades não-obrigatórias. In: FIOR, C. A.; MERCURI, E. **Estudante Universitário: Características e Experiências de Formação**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004. p. 129-154.
- FIOR, C. A.; MERCURI, E. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. **Psicol. educ.**, n. 29, dez. 2009.
- FONTANELLA, R. Os tipos comportamentais dos executivos e a postura do profissional de secretariado. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 2, n. 2, p.79-104, jul./dez. 2011.
- GARRIDO, E. N. **Assistência estudantil: sua importância, atores envolvidos e panorama atual**. In: Seminário universidade e sociedade. Semana kirimurê, 2012. Cachoeira- BA. Disponível em: <http://www.institutokirimure.pro.br/wp-content/uploads/2012/11/GARRIDO_E.pdf>. Acesso em: 04 set. 2020.
- GERALDI, C.M.G. Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. **Pro-posições**, v.5, n.3, p.111-132, nov. 1994.
- KUH, G. D. Em suas próprias palavras: o que os alunos aprendem fora da sala de aula In: KUH, G. D. **College students: The evolving nature of research**. Curso de Especialização em Avaliação a Distância, Brasília: Tradução de In their own words: what students learn outside the classroom. v. 4, p. 135-191. 1997.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: dança, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- LEITE, R. C. N.; SAMPAIO, S. M. R. **A formação de si (Bildung) do estudante universitário**, 2016.
- LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Cien. Cogn.** v. 15, n.2, p. 132-141. 2010.
- MARTINS, J. C. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série Idéias**, n. 28, p. 111-122. 1997.
- NOVASKI, A. J. C. **Sala de aula: uma aprendizagem do humano**. In: NOVASKI, A. J. C. **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas - SP: Papyrus. 21ª ed. 2008. p. 11- 17.

OLIVEIRA, A. A. R.; LEITE FILHO, C. A. P.; RODRIGUES, C. M. C. **O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas.** In: XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2007.

PACHANE, G. G. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: PACHANE, G. G. **Estudante Universitário: Características e Experiências de Formação.** Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004. p. 155-186.

PERES, C. M.; ANDRADE, A. S.; GARCIA, S. B. Atividades Extracurriculares: Multiplicidade e Diferenciação Necessárias ao Currículo. **Revista Brasileira De Educação Médica**, v. 29, 31 (2). p. 147-155, jan./abr. 2007.

REINA, D. R. M.; SMANIA NETO, A.; ENSSLIN, S. R.; REINA, D. Estágio extracurricular: avaliação de sua contribuição na formação acadêmica e profissional dos graduandos em ciências contábeis. **RIC - Revista de Informação Contábil**, v. 5, n. 1, p. 19-35, Jan-Mar, 2011.

RIES, B. E. Sensação e percepção. In: RIES, B. E. **Psicologia e Educação: fundamentos e reflexões.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 49- 67.

SANTOS, A. A. A. et al. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 283-290. 2011.

SILVA, C. S. C.; TEIXEIRA, M. A. P. Experiências de Estágio: Contribuições para a Transição Universidade-Trabalho. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 23, n. 54, p. 103-112, abr. 2013.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 12, n. 1, p.185-202, jun. 2008.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**. v. 39, n.3, p.507-14. 2005.

VIANA, R. T. et al. O estágio extracurricular na formação profissional: a opinião dos estudantes de fisioterapia. **Fisioterapia e Pesquisa** [online]. 2012, v. 19, n. 4 [Acessado 28 Junho 2021] , pp. 339-344.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 07 de dezembro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 29 de junho de 2021.